

Documentação
 OCIOAMBIENTAL
 Fonte: *A crítica*
 Data: 15/8/99 Pg. 15
 Class.: 336

SÃO GABRIEL

PT não aceita a tese de autofagia

GERSON SEVERO
 ENVIADO ESPECIAL

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA – A eleição do professor Amilton Gadelha para a prefeitura de São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus) pelo Partido dos Trabalhadores poderia ter marcado o início da popularização da sigla no Amazonas e de seu jeito peculiar de administrar. Contudo, após três anos de administração e com Gadelha longe do partido, lideranças que participaram da campanha que elegeu o primeiro prefeito petista do Amazonas fazem uma análise crítica do processo e chegam a conclusões no mínimo interessantes.

A ala petista que ainda é ligada a Amilton e participa da administração diz que faltou apoio do partido para que o prefeito pudesse executar suas propostas de campanha e denuncia uma certa autofagia do PT, que sempre acaba perdendo suas lideranças após conquistar cargos importantes. Eles argumentam que foi assim com a ex-prefeita de Fortaleza (1985 a 1988), Maria Luíza Fontenelle - a primeira prefeita de capital eleita pelo partido, mas que sofreu com a oposição de seus próprios correligionários e acabou deixando o PT. Outro exemplo citado é o do ex-governador do Espírito Santo, Vítor Buainain (o primeiro do partido), que também enfrentou oposição interna e acabou indo para o PV.

Em Manaus, a autofagia teria acontecido com o primeiro vereador do partido, Francisco Praciano, que foi para o PDT após uma briga interna desgastante, e com o primeiro deputado federal, Ricardo Moraes, hoje no PSB após ser acusado de desviar verbas do Sindicato dos Metalúrgicos de Manaus.

O argumento não convence o presidente da Comissão de Ética do Diretório Municipal do PT em São

A PERDA DE LIDERANÇAS ASSIM QUE ELAS SÃO ELEITAS NADA TEM A VER COM A TESE DE AUTOFAGIA, APRESENTADA POR ALGUNS.

Gabriel da Cachoeira, Elias Brasilino Souza, 35. “Não existe essa incompatibilidade do PT com a administração pública. Se concordássemos com esse argumento, teríamos que ignorar experiências do PT que deram certo em outros lugares como as administrações realizadas no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, onde temos 30 prefeituras, interior de São Paulo e Ceará”, analisa.

De acordo com Elias, a experiência do PT na administração de Gabriel (como os moradores preferem chamar o município) deu errado porque Amilton não quis implantar o modo petista de gover-

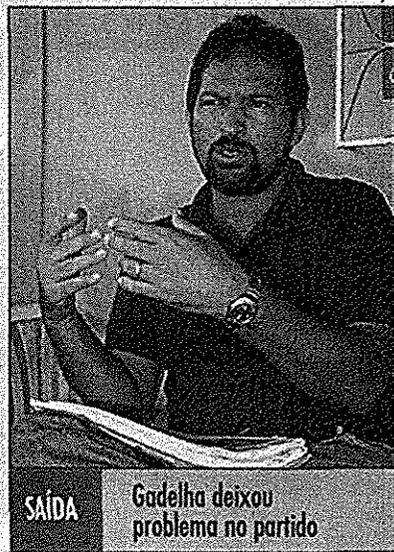
nar, que tem no orçamento participativo sua maior bandeira.

Fazendo uma autocrítica, Gadelha afirma que as coisas são diferentes quando se assume a administração de um município como Gabriel. Ele conta que seu maior sonho era implementar o orçamento participativo, mas com apenas R\$ 50 mil disponíveis, em média, para investir mensalmente em 411 comunidades isso se tornou impossível. “Como é que se vai fazer essa divisão? Iriamos criar uma grande briga entre todas as comunidades por um punhado de verbas que não chegaria a R\$ 1 mil e por isso optei por fazer diferente, definindo critérios para a realização do investimento”, contou.

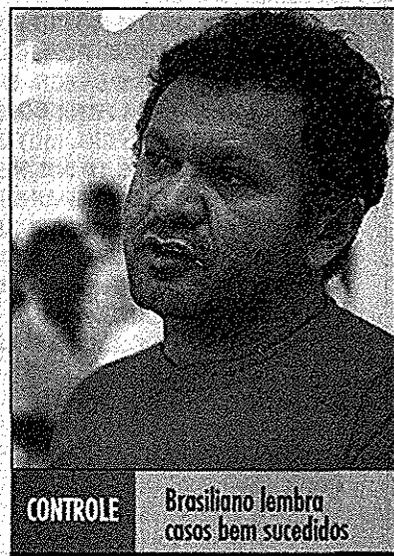
Elias discorda e diz que orçamento participativo não é simples divisão de dinheiro entre as comunidades e sim uma metodologia que pode ser aplicada em qualquer município independente da receita. “Como metodologia, o orçamento participativo transcende tudo isso, pois a participação na elaboração do orçamento não está condicionada a uma proporcionalidade financeira para quem partidipa”, explica.

Filósofo com especialização em Sociologia, Elias analisa que a saída de Gadelha do PT aconteceu porque ele não quis submeter sua administração a qualquer tipo de controle social, como é próprio do modo petista de governar.

Fotos: Alberto César Araújo



SAÍDA Gadelha deixou problema no partido



CONTROLE Brasilino lembra casos bem sucedidos

O avanço do partido

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA – O Partido dos Trabalhadores de São Gabriel da Cachoeira foi criado em 1992 por um grupo formado pelo prefeito Amilton Gadelha, lideranças indígenas como o secretário de Educação, Gecem José Luciano, e o secretário de Turismo, Samuel Rodrigues. Com uma boa inserção na comunidade e o apoio da Igreja Católica, o partido cresceu e conseguiu quebrar duas oligarquias que se revezavam no poder há 20 anos. Com a saída de Gadelha e, provavelmente, de um grupo que continua no partido mas ocupa cargos na administração, o desafio do PT é saber que rumos tomar com vistas as eleições do próximo ano.

De acordo com o presidente da Comissão de Ética do PT, Elias Brasilino Souza, 35, os secretários que ainda estão filiados sofrem um processo que visa expulsá-los do partido para com isso acabar com a influência de Gadelha. “Em verdade, o Gadelha e o Gecem tomaram de assalto o PT aqui e dirigiam o partido sem nenhum tipo de normas ou regras. Quando vim de São Paulo para trabalhar na campanha dele tive várias brigas com eles por causa disso, mas hoje a situação é diferente”, afirma.

Na avaliação de Elias, o PT terá

de resgatar o plano elaborado para a campanha de Gadelha, que visava dar ao povo o controle social da administração. “Vamos fazer isso e tentar sensibilizar a população de que eles precisam participar desse controle, mas corremos o risco de ver as pessoas dizendo que isso o Gadelha já prometeu e não cumpriu. De qualquer forma, a traição dele já arranhou nossa imagem”, avaliou.

Pela leitura dominante no partido hoje, existem três grupos que precisam ser observados se o PT quiser lançar um candidato a prefeito no próximo ano. O primeiro grupo é formado pela maioria da população, que viu o episódio da saída de Gadelha do partido e as supostas irregularidades cometidas por ele e levantadas pela Câmara de forma indiferente, pois não sabe ler a conjuntura política.

O segundo grupo, ligado aos movimentos populares, assistiu ao caso e acredita que Gadelha “traiu” o partido. O terceiro grupo, contudo, é o mais perigoso na avaliação dos dirigentes do PT. “Eles entenderam e até torceram para que isso acontecesse, pois o dia em que o projeto de administração petista der certo em São Gabriel da Cachoeira eles perdem a possibilidade de ganhar dinheiro com o poder público”, afirma Elias. (GS)